



## Modernismo e Regionalismo em Rachel de Queiroz:

### *Memorial de Maria Moura, Um Cabra Valente*

*Jeanne Cristina Barbosa Paganucci*<sup>1</sup>

*Queiciane Araújo*<sup>2</sup>

*Raimundo Lopes Matos*<sup>3</sup>

### Resumo

O trabalho tem por objeto de estudo o Modernismo e o Regionalismo na obra *Memorial de Maria Moura* de Rachel de Queiroz, bem como a discussão acerca da personagem *Maria Moura* no que diz respeito à questão de gênero feminino. Inicialmente o texto pretende abordar o conceito de modernismo e o contexto sociocultural da época, discutindo o regionalismo em Rachel de Queiroz. Neste sentido, discutem-se as ideias de Peter Gay (2009), Raimundo Lopes Matos (1993), Natália Guerellus (2008), Cecília Almeida Salles (1992), Zilda de Oliveira Freitas (2002), Abaurre e Pontara (2005), Adriana Barbosa (2011), entre outros.

**Palavras-chave:** *Modernismo; Regionalismo; Rachel de Queiroz; Autoria feminina e personagem Maria Moura.*

Nós todos, que temos de falar gracioso porque esse é nosso meio de vida, que temos de dizer de modo gentil o que os outros pensam mal ou dizem mal (e é isso o estilo), quanto haverá de originalidade no nosso estilo, ou simples repetição nas fórmulas que supomos inventar? (Queiroz, 1989:130)

---

<sup>1</sup> Poeta, ensaísta, escritora, graduanda em Letras Vernáculas pela UESB/*Campus* de Jequié; monitora de Literatura Portuguesa, bolsista voluntária de Iniciação Científica do Projeto Emília vai à Escola do Estale/UESB/CNPQ; bolsista do Pibid Letras/Capes: Subprojeto: Iniciação à Docência em Língua Portuguesa. E-mail: jeannepaganucci@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em Letras Vernáculas pela UESB/*Campus* de Jequié bolsista do Pibid Letras/Capes: Subprojeto: Iniciação à Docência em Língua Portuguesa. E-mail: keicy\_florzinha@hotmail.com

<sup>3</sup> Professor Pleno, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* de Jequié.

O estudo da obra de Rachel de Queiroz é relevante porque foi esta autora brasileira que inaugurou o regionalismo na década de 30, além disso, seus romances contribuíram para o enriquecimento literário brasileiro e sua percepção crítica acerca do contexto sociocultural brasileiro. A metodologia do trabalho envolve autora e obra, visto que a vida influenciou a obra no que diz respeito às memórias pelas quais Rachel escreveu. Assim, tornou possível uma visão acerca do nordeste brasileiro e contribuiu de forma peculiar para a compreensão e visão do nordeste, da mulher e da história do sertão.

O trabalho pretende contribuir para o conhecimento, a divulgação e pesquisa a respeito de Rachel de Queiroz e sua obra *Memorial de Maria Moura*. Neste aspecto, a pesquisa torna-se referencial para posteridade, visto que proporciona a experiência para futuros trabalhos no decorrer da vida acadêmica, enfim. Assim, o estudo discutirá inicialmente o modernismo e o contexto que deu origem ao regionalismo, posteriormente, o texto abordará as questões de autoria feminina e de gênero, bem como contemplará trechos da obra. Desta forma, o trabalho tem como eixo central a análise da obra *Memorial de Maria Moura de Rachel de Queiroz*, uma proposta de estudo no campo da literatura brasileira.

## 1. Modernismo

Peter Gay (2009:17) a respeito do Modernismo afirma que “É muito mais fácil exemplificar do que definir o modernismo.” Em busca desse entendimento, buscam-se conceitos que possam situar de algum modo o presente estudo. Posteriormente, o autor afirma que “Não há poeta, pintor ou compositor que possa reivindicar com segurança a paternidade do modernismo. Mas o candidato mais plausível a esse papel é Charles Baudelaire”. Dessa maneira, a partir de Baudelaire, temos uma configuração para o modernismo. Neste aspecto, Matos (1993: 8) cita *Baudelaire* como o criador do termo na França em 1983 e menciona uma conceituação do modernista “A modernidade é o transitório, o fugidio, o fugaz, o contingente, a metade da arte da qual a outra metade é o eterno e o imutável”. Esse conceito torna a arte, a literatura, a possibilidade de inovar sempre e romper com o que é fixo, com a tradição, é ousar.

De acordo Anthony Giddens *apud* Matos “(...) modernidade refere-se a estilo, costume de vida, organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e

que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”<sup>4</sup>. Esse conceito pode servir para o propósito do trabalho porque abarca a questão social e que por natureza abrange a literatura em sua produção, a arte em si.

Conforme Peter Gay (2009:19) “Os climas, mesmo os emocionais, mudam, o que significa que o modernismo teve uma história própria — como todas as histórias, com uma face interna e outra externa.” A partir desse pressuposto identifica-se que a história do modernismo serve para explicar o movimento regionalista que fez parte deste e, como tal, também foi um processo de mudança e que divulgou a história própria na literatura brasileira.

Segundo Abaurre e Pontara (2005) o Modernismo brasileiro propôs novos caminhos estéticos sob forma de manifestos para a literatura, cujas ideias conciliavam a cultura nativa e a cultura intelectual. Resgatar manifestações culturais, utilizar o recurso da língua sem preconceito e a proposta de ver com olhos livres é uma marca do modernismo no Brasil.

Somos hoje contemporâneos de uma realidade econômica, social, política e cultural que se estruturou depois de 1930. A afirmação não quer absolutamente subestimar o papel relevante da Semana e do período fecundo que se lhe seguiu: há um estilo de pensar e de escrever anterior e outro posterior a Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira (Bosi, 1994:383).

Desta forma, década de 30 o Brasil testemunhou a explosão do romance cujas temáticas repercutiam acerca da denúncia social como instrumento para apontar e questionar a realidade, principalmente a região nordeste, a qual condena muitos brasileiros à fome, miséria e seca. Dessa forma, surge o Regionalismo, cuja ficção dominou a segunda geração modernista brasileira. “Reconhecer o novo sistema cultural posterior a 30 não resulta em cortar as linhas que articulam a sua literatura com o Modernismo. Significa apenas ver novas configurações históricas a exigirem novas experiências artísticas.”<sup>5</sup> Assim, o ano de 1930 acelerou as tendências contemporâneas, e, por isso, as transformações culturais, políticas e sociais que são heranças dos fatos ocorridos na década de 30. Mas, convém ressaltar que o Modernismo não foi esquecido nesta época, apenas partiu para outras tendências, entre elas, o regionalismo. “Entre 1930 e 1945/50, grosso modo, o panorama literário apresentava, em primeiro plano, a *ficção regionalista*, o

<sup>4</sup> Id. 1993:8.

<sup>5</sup> id.1994:385.

*ensaísmo social* e o *aprofundamento da lírica moderna* no seu ritmo oscilante entre o fechamento e a abertura do eu à sociedade e à natureza (Drummond, Murilo, Jorge de Lima, Vinícius, Shmidt, Henriqueta Lisboa, Cecília Meireles, Emílio Moura...)”<sup>6</sup>. Abaurre e Pontara (2005) entendem que Graciliano Ramos aparece no Regionalismo como o principal intérprete que trata da região da seca, o nordeste brasileiro. Assim, a era do romance brasileiro explode entre os anos 1930 e 1945 e se anuncia em 1928 com a publicação de *A bagaceira* do paraibano José Américo de Almeida.

A ficção nacional neste período aponta a realidade do indivíduo no espaço em que vive, o qual se torna preso. Dessa forma, analisa-se o comportamento dos indivíduos no romance, traçando o perfil social e psicológico dos habitantes de determinadas regiões brasileiras. Bosi (1994:388) afirma que “Os decênios de 30 e de 40 serão lembrados como “a era do romance brasileiro”. O projeto literário do romance de 1930 tinha por objetivo revelar a realidade socioeconômica brasileira, o subdesenvolvimento, cujas raízes influenciavam a vida dos seres humanos.”<sup>7</sup> As autoras ressaltam que o espaço geográfico e o contexto socioeconômico é parte do enredo das obras do regionalismo em que seus autores narravam o que conheciam, ou seja, baseado em fatos reais. Neste contexto, o escritor Érico Veríssimo foi exceção, pois estava voltado para o homem e a sociedade na contextualização a partir da amplitude dos pampas gaúchos.

O percurso da ficção brasileira da década de 30 se deslocou do Rio de Janeiro e São Paulo em direção a Maceió, capital de Alagoas, onde residiam José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos. Rachel de Queiroz lançou um olhar feminino sobre o sertão, surgiu no Regionalismo como a única mulher a figurar entre escritores da geração de 1930, publicou o romance *O quinze* nesta época, o qual foi escrito quando tinha apenas 18 anos e tornou-se uma escritora que ajudou a firmar a tradição do romance regionalista do ciclo nordestino da literatura brasileira. Rachel foi militante comunista, e, permaneceu presa por três meses em 1937, perseguida pela ditadura. A autora teve seus livros incinerados na Bahia por serem avaliados como revolucionários.

## 2. Regionalismo e Linguagens na obra de Rachel de Queiroz

A linguagem e a estrutura é uma característica peculiar da obra de Rachel de Queiroz, em que reproduz a voz do personagem como sua fala espontânea, natural,

<sup>6</sup> id, 1994:386.

<sup>7</sup> Id. 2005.

tornando-a mais próxima possível da realidade.<sup>8</sup> Em *Memorial de Maria Moura* o nordeste é um elo em que Rachel expressa sua indignação a respeito da violência contra a mulher, das disputas familiares e políticas por terra e poder, a voz sufocada do nordestino que se distancia do restante do país no aspecto socioeconômico. O diálogo com a terra natal é uma realidade em Rachel e sua maneira de representar a mulher é diferenciada de outros escritores regionalistas, visto que observa a ligação existente entre a mulher e a terra, ou seja, o poder e dinheiro na vida da mulher, a presença do feminino no mundo dos homens.

O memorial escrito na pós-modernidade significa (re) memorar o passado para não praticar as mesmas ações, os mesmos erros no presente. Assim, esquecer é omitir, sendo que o *Memorial de Maria Moura* faz emergir um passado delituoso, uma exagerada violência em nome de herança de terras, dá a entender que lembrar e esquecer faz parte da vida, processo natural. O estudo da memória faz parte da obra racheliana, denotando sua capacidade de revelar e resgatar em forma de memorial a vida de indivíduos nordestinos, da memória de um povo.

As confissões do Beato Romano surgem no romance como tradição religiosa da prática de esquecer/apagar a memória para seguir em frente, além de deixar evidente a imposição religiosa e o poder constituído. Neste espaço, as vozes aparecem no decorrer da narrativa como forma de evidenciar a pluralidade presente nos recortes do memorial, ou seja, as diversas vozes dos personagens rachelianos. A morte e a memória estão presentes na narrativa, repercutindo o apagamento das vozes no contexto histórico brasileiro, destacando outras vozes, do poder, da injustiça, da política.

A determinação é uma qualidade de Maria Moura, o que denota sua decisão de usar as roupas herdadas do pai, que aponta a mudança na vida da personagem de forma a aparentar maior liberdade e resolução dos problemas e situações de conflito. Rachel resgata a literatura do cangaço em Maria Moura, como exemplo de Maria Bonita, trabalha a questão da mulher no cangaço, o papel que esta exerce e a força da personagem ao destoar do perfil da mulher submissa e pacata. O resgate da brasilidade acontece no decorrer do romance e revela o regionalismo principalmente na minissérie produzida pela rede Globo *Memorial de Maria Moura*, em que a personagem aparece como uma heroína, e, comparada com uma epopeia, o romance torna-se uma representação da realidade

---

<sup>8</sup> GUERELLUS, Natália de Santanna. Vae Solis. *Gênero Cultura e Sociedade nos romances de Rachel de Queiroz*. Curitiba, Junho 2008. UFPR. Disponível em: <http://www.generos.ufpr.br/files/9485-monografia-natalia.pdf>. Acesso em: 09/01/2012.

brasileira, vivida por homens e mulheres do nordeste brasileiro. O cangaço, o messianismo e as tradições populares são representações do Brasil no Memorial, de forma a contextualizar os personagens como representantes reais das memórias de um povo, ou seja, o povo brasileiro. A temática regionalista inseriu Rachel de Queiroz no mundo das letras.

A apropriação da terra no contexto regionalista sugere a (re) tomada de sua própria existência, em que Maria Moura marca território, e, por sua vez, Rachel de Queiroz insere na literatura brasileira a leitura de uma temática regionalista, abordando não só a mulher no contexto geopolítico-social, mas também a sua realidade como ser político e atuante. O espaço geográfico é muito importante na obra porque identificam os indivíduos da região, a pronúncia das palavras, dialeto regional, a culinária, as roupas, o modo de viver e agir. Neste espaço, a conquista da Serra dos Padres é o que movimenta Maria Moura, o que faz com que sua determinação seja processual em direção ao que almeja, contando com a proteção daqueles que a seguiam, como um bando de cangaceiros. A Serra dos Padres é uma parte de Maria Moura, lembrando que as heranças deixadas por pais e avós sempre movimentam os sonhos, dessa forma parte da ficção para explicar a realidade, e, neste contexto o sonho é vivenciado por uma mulher e sua forma de apossar da terra é antes de qualquer coisa, apropriar-se de si mesmo, renunciando ao casamento, a maternidade, à vivência feminina que a sociedade impõe.

O romance reflete momentos polifônicos<sup>9</sup>, em que a voz da Moura é o eixo norteador de toda a obra, mas enfatiza capítulos em que seus personagens representam outras vozes, a voz do Beato Romano (padre), da Marialva (prima da Moura) que são as vozes mais destacadas. O Beato Romano surge como um eco do contexto religioso, da prática do perdão ou condenação em oposição ao poder, à negligência e o favorecimento do dinheiro, da política em que a voz proveniente deste contexto se cala. Marialva representa a mulher presa aos interesses familiares, e o seu olhar, a sua retomada de voz diante da vida atesta a característica da mulher racheliana, que geralmente se liberta das amarras da vida. Os personagens Maria Moura, Beato Romano e Marialva dão voz a imagem dos brasileiros no contexto regionalista, em que conferem personalidade e ação no decorrer da narrativa.

---

<sup>9</sup> GUERELLUS, Natália de Santanna. Vae Solis. *Gênero Cultura e Sociedade nos romances de Rachel de Queiroz*. Curitiba, Junho 2008. UFPR. Disponível em: <http://www.generos.ufpr.br/files/9485-monografia-natalia.pdf>.

O movimento que acontece na narrativa<sup>10</sup> é uma forma de escrever o memorial, em que todos os personagens participam ativamente da história, porque estabelecem contato com a realidade em que vivem. A influência literária na vida do personagem é marcada na narrativa, em que a Moura não havia estudado muito, mas sabia ler e lembrava sempre um livro que o pai havia lhe presenteado, referia-se ao livro como um bem precioso. O Beato Romano utiliza o recurso da leitura e escrita para ganhar dinheiro, escrever cartas e fugir do seu próprio infortúnio. A representação de Maria Moura nos anos 90 e num contexto regionalista, destacando a solidão da mulher, a masculinização e a dominação da mulher da maneira que Rachel de Queiroz escreveu constituiu uma memória da mulher em contextos opostos ao que é vivenciado na contemporaneidade, ou seja, a conquista da mulher por seu espaço, sua emancipação mais bem compreendida e apoiada, uma mulher que movimenta um espaço diferente do contexto Maria Moura.

Peterson<sup>11</sup> entende que o romance regionalista pode destaca-se na tendência de tensão crítica, em que o herói, neste caso a heroína, resiste às tensões que sofre por conta do meio social, da política e da região em que vive, combatendo tudo o que seja imposto com qual não aceita. A tensão crítica é uma particularidade da obra racheliana, em que discute os conflitos sociais, a perturbação pela qual vive a personagem órfã, Maria Moura, partindo de uma postura inocente e comum para a vida masculinizada e solitária de quem assume o comando.

### 3. Autoria Feminina e gênero em *Memorial de Maria Moura*

O escritor ocupa lugar de destaque como criador e artesão que vamos conhecendo pelo itinerário de seu caminho criativo. Os cadernos de anotações, as rasuras e as substituições nos colocam muito próximos do escritor e assinalam seu contato íntimo e contínuo com o texto, não permitindo mais desconhecer esse homem. Vemos com nitidez a mão que escreve, hesita, rasura, escolhe, rabisca, recomeça... No entanto, está claro que não é este homem que o geneticista procura, mas a escritura por ele desenvolvida. (Salles, 1992: 82-83)

Neste aspecto, entende-se que o autor está atuante em sua obra, vive e ocupa um lugar que não o exclui de seu texto e essa participação do autor, neste caso Rachel de Queiroz, é o que entendemos ser a autoria feminina concretizada em sua escritura. Philippe

---

<sup>10</sup>id. 2008:54.

<sup>11</sup> MARTINS, Peterson. *O hiper-regionalismo na universalização do sertão: Uma nova divisão para a Literatura Regionalista*. In.: Revista Literatura conhecimento Prático. São Paulo: Escala Educacional. Edição nº 32, ISSN 1984-3674.

Willemart apud Salles (1992, p.82) afirma que “o autor não morreu. Com esses estudos, ele volta, inevitavelmente, a viver.” A partir disso, nota-se a importância da mulher enquanto escritora.

A literatura não é para as mulheres uma simples transgressão das leis que lhes proibiam o acesso à criação artística. Foi, muito mais do que isso, um território liberado, clandestino. Saída secreta da clausura da linguagem e de um pensamento masculino que as pensava e descrevia *in absentia*. Apenas desabafo? Não, a literatura feminina é mais um registro escrito do inconformismo da mulher àquelas leis. (Freitas, 2002: 119120)

Neste aspecto, Zilda Freitas observa não só a relevância do registro escrito da mulher enquanto autora, mas também a tentativa de sair da clausura, conforme argumenta a respeito da clandestinidade. Em seguida, compreende que:

É, como um palimpsesto, a reescritura da produção literária masculina, mas sob o ponto de vista feminino. Afastando-se da identidade pré-fabricada no espelho do homem é que melhor a mulher se vê. Para além do mero mimetismo masculino, a mulher busca a diferença como identidade. Por isso, não se deve definir o feminino, a partir do modelo masculino. (Freitas, 2002: 119-120)

Pode-se refletir a respeito da autoria feminina a partir do movimento modernista, principalmente a presença de Rachel de Queiroz que, neste aspecto, surgiu como ícone na literatura regionalista, trazendo à tona questões sociais e uma visão acerca do nordeste, da mulher e do homem neste contexto, assumiu uma postura crítica e imbatível no que diz respeito à posição do que é escrever e poder expor a realidade com a qual estava inserida. Rachel buscou essa identidade feminina, percorreu o caminho da autoria assumidamente feminina em contexto vivenciado apenas por autores masculinos.

A personagem Maria Moura nos leva a refletir sobre o papel da mulher na sociedade. O que realmente cabe à mulher? Essa questão ficará ainda mais complicada se levarmos em consideração o ano de 1850 em que discorre a história. E é exatamente esta a proposta, discutir a feminilidade da personagem Maria Moura contrapondo o ideal de mulher do passado, com a mulher da pós-modernidade. Ao colocar Maria Moura, um cabra valente, não pense que há um erro, pois, foi proposital. Provavelmente deve agora está se perguntando o por que. A resposta é simples, ou melhor, nem tão simples assim, digamos apenas que **um cabra valente** está relacionado à personalidade da personagem, uma nordestina que fica órfã cedo e aprende a se virar de um jeito diferente do esperado para

uma mulher. De acordo com Heloisa Buarque de Hollanda no seu livro<sup>12</sup> sobre *Rachel de Queiroz*, a autora afirma que a personagem Maria Moura foi inspirada na Rainha Elisabeth I, cujo poder e autonomia eram notáveis, e em Maria de Oliveira, que ainda no século XVIII organizou o primeiro bando no sertão, considerada percussora de Lampião. A obra *Memorial de Maria Moura* trata de uma saga épica que contraria o perfil de mulher do século XIX, apresentando um novo modelo de mulher: líder, valente, forte, racional e que luta pelos seus objetivos.

A mulher no século XIX vivia em situação de extrema dependência do homem, pode-se afirmar que vivia para o homem e o lar, não tinha direito nem a educação nem ao voto. Com o desenvolvimento industrial e urbano começou-se a exigir a participação da mulher na vida pública. Porém, seu trabalho deveria restringir-se ao ambiente familiar. Neste mesmo século começa a surgir o feminismo no Brasil. As primeiras manifestações se relacionavam a luta contra o conservadorismo que excluía a mulher do mundo público, e a emancipação feminina, com relação à dominação masculina.

Adriana Barbosa, em seu livro *Ficções do Feminismo* (2011) aborda crítica feminista e ressalta que no pós-modernismo o feminismo saúda o fim da supremacia de uma concepção de sujeito centralizado no poder do homem. A crítica reivindica a diferença de um sujeito historicamente construído, com o intuito de reinscrevê-lo dando voz ao discurso feminino, uma vez que as marcas de gênero são responsáveis pelas distinções de sexo que informam como as pessoas devem pensar sobre si e sobre os outros e como tratar umas às outras.

(...) a crítica feminista incorre na possibilidade, pelos mesmos paradigmas que deseja desconstruir – o cânone masculino, que representa a crença no falocentrismo e logocentrismo - reconstruir o conceito de unidade ao preocupar-se em elaborar categorias como “identidade feminina” e “mulher” restaurando dicotomia homem/mulher masculino/feminino (entretanto, não mais em termos de desigualdade e apenas em diferença), organiza, “aparentemente”, centros, indo ao encontro tanto do projeto pós-estruturalista de descentralização, como do pluralismo pós-moderno e, de certo modo, de seu próprio projeto de falar das margens. (Barbosa, 2011:16)

Nesse contexto podemos discutir a personagem Maria Moura que inicialmente usa de sua *feminilidade*, primeiro com Jardimino e depois com João Rufo, vale ressaltar que de maneiras diferente para cada um, com o intuito de realizar os seus objetivos, que

---

<sup>12</sup> HOLLANDA, Heloisa. *Rachel de Queiroz*. Nacional, editora: Agir, 2005.

primeiramente era matar seu padrasto o Liberato, pois esse queria que ela assinasse um documento passando as terras do Limoeiro para seu nome, como Moura se recusou a assinar os papéis, Liberato se colocou a fazer ameaças de formas sutis. Assim, Maria Moura para se livrar desta pressão psicológica exercida por Liberato e até mesmo por medo dele matá-la, como insinuou ter feito com sua mãe, planeja a morte do padrasto e usa Jardimino, um empregado da fazenda, para executar o plano.

E eu não tinha mais nada de mocinha boba do tempo de mãe. Sabia muito bem o que um homem quer da gente – mesmo sendo um caboclo como o Jardimino. Logo na primeira ocasião em que pude falar sozinha com ele – era noite, nós dois sentados no parapeito baixo do alpendre, provoqueei Jardimino a tomar algumas liberdades comigo. O Liberato tinha ido à vila, beber e jogar com os parceiros, como fazia sempre. (Queiroz, 2009: 29)

Essa feminilidade empregada por Maria Moura para seduzir Jardimino é uma das representações do ser mulher, ou seja, do que se espera de uma mulher. *Woolf* citada por *Barbosa* em seu livro afirma que o que se espera da mulher é que esta “seja complacente, seja terna, adule, iluda, use todas as artes e truques do seu sexo.” A princípio estas foram as táticas utilizadas pela personagem principal. O que Maria Moura almejava eram herança, terras e ouro. Como se pode observar nesta passagem do livro:

E eu, casamento, imagina, casamento, que loucura. Que casamento, e logo com quem. Eu tinha que pensar era na minha herança; o nosso sítio do limoeiro, dentro do distrito de Vargem da Cruz, boa terra de planta e cria, agora abandonado é verdade (Queiroz, 2009:35).

Como se esperava de toda menina, queriam que esta fosse passiva e sonhasse com o casamento.

Se eu ia à vila, de raro em raro, e como de costume entrava na loja de D. Lilica e pedia pra ver uma chita ou um par de chinelas, logo a velha vinha indagar como é que estava vivendo, por que não tratava de me casar – tinha uns primos, não tinha?<sup>13</sup>

Neste fragmento é perceptível que a conscientização de gênero está relacionada a uma sociedade patriarcal, em outras palavras, o papel de poder e liderança é exercido pelo homem, enquanto que a figura da mulher fica a margem, ou seja, a mulher exerce o papel

---

<sup>13</sup> Id. 2009: 39.

de submissão e inferioridade em relação ao gênero masculino. No entanto, Maria Moura surge com outros princípios e maneiras de entender o feminino.

Minha primeira ação tinha que ser a resistência. Eu juntava os meus cabras – os três rapazes, João Rufo (que em tempos antes já tinha dado sua prova). Os dois velhos podiam servir para municiar as armas, na hora da precisão. Eu queria assustar o Tonho. Nunca se viu mulher resistindo à força contra soldado. Mulher, para homem como ele, só serve pra dar faniquito. Pois, comigo eles vão ver. E se eu sinto que perco a parada, vou-me embora com meus homens, mas me retiro atirando. E deixo estrago feio atrás de mim. Vou procurar as terras da Serra dos Padres – e lá pode ser pra mim outro começo de vida. Mas garantida com os meus cabras. Pra ninguém mais querer botar o pé no meu pescoço; ou me enforcar num armador de rede. Quem pensou nisso já morreu.<sup>14</sup>

A partir daí, Maria Moura e seus capangas partem em busca das terras da Serra dos Padres, em uma conversa com os rapazes ainda no início da jornada, Moura assume o papel de liderança, e os preveni que a partir daquele momento eles teriam que a obedecer de olhos fechados e esquecer que ela era uma Mulher e que para isso estava vestida com calças.

Aqui não tem mulher nenhuma, tem só o chefe de vocês. Se eu disser que atire, vocês atirem; se eu disser que morra é pra morrer. Quem desobedecer paga caro. Tão caro e tão depressa que não vai ter tempo nem de se arrepender. [...] Aí me levantei do chão, pedi a faca a João Rufo, amolada feito uma navalha – puxei o meu cabelo que me descia pelas costas feito uma trança grossa; encostei o lado cego da faca na minha nuca e, de mecha em mecha, fui cortando o cabelo na altura do pescoço (Queiroz, 2009: 86).

Nesse momento, podemos perceber que Maria Moura para ocupar o espaço de liderança e ser respeitada, precisou se vestir como homem, já que, a ideia de força e poder estavam a eles ligados. Diferente do ensinado pela sociedade, Maria Moura assume voz de liderança, essa posição assumida pela personagem principal contraria a linguagem e o estilo conversacionais adequados para o gênero feminino, como exposto por Lakoff (1975) citado por Adriana Barbosa (2011).

Os homens, geralmente, aprendem a falar visando a veicular o estritamente factual. Já as mulheres são ensinada a falar com referências às regras de polidez. Com um estilo de comunicação centrado no ouvinte, as mulheres optam por um estilo de comunicação centrado no ouvinte, as mulheres optam por um estilo de deferência, que não apenas reconhece a existência do ouvinte, mas também proporciona a ele o poder de decisão de interpretação e do resultado de suas comunicações (Barbosa, 2011: 29).

<sup>14</sup> Ibid, p. 45-46.

A personagem principal percorreu o caminho em busca das terras da Serra dos Padres acompanhada do seu bando, onde iria começar uma vida nova. Maria Moura assumiu a liderança do grupo, ela era quem decidia e planejava os roubos, os ataques, tudo ocorria conforme as suas ordens. Foi uma longa caminhada, e cheia de emoção, mas, finalmente Moura e seu bando encontram as terras tão desejadas, lá Maria Moura construiu a sua casa forte, e fez o seu sítio até maior e melhor que as terras do limoeiro. Foi construído dentro da casa forte, um cúbico, que servia de esconderijo para algum perseguido. Ela reflete sobre o casamento e mais uma vez fica explícito o perfil diferente do esperado a mulher.

Além do mais, eu tinha horror a casamento. Um homem mandando em mim, imagine; logo eu, acostumada desde anos a mandar em qualquer homem que me chegasse perto. [...] um homem me governando, me dizendo – faça isso, faça aquilo. Qual! Considerando também dele tudo que era meu, nem em sonho – ou pior em pesadelo. E me usando na cama toda vez que lhe desse na veneta. Ah! Isso também não. Duarte entendeu logo que, comigo, tinha primeiro que tomar chegada, vir de mansinho, se sujeitando ao meu querer. (Queiroz, 2009: 332-333)

A fama de proteção na casa forte se espalhava, por esse motivo o seu Tibúrcio levou o seu filho Cirino para que Maria Moura o protegesse, pois ele havia se metido com uma mulher que era noiva e agora estava sendo caçado para pagar pelo feito. Maria Moura acaba se apaixonando por Cirino de um modo que jamais achou ser possível.

Eu chegava a pensar às vezes em entregar o que era meu a ele – a casa, a fazenda, os homens, o comando de tudo, ficar sendo só a mulher dele. [...] Felizmente, mesmo nesses delírios de fraqueza, uma coisa me dizia: ele não me quer a mim, eu não sou bonita, não sou nova, nem ao menos me visto de mulher, ou tenho jeito de mulher. O que ele quer em mim é a Moura, a calça de homem, o chicote, a força!(id. 2009: 399)

Seu perfil de mulher forte e volante volta a aparecer, quando mesmo sofrendo por dentro com tudo o que Cirino lhe fez, mesmo sabendo que tudo que fizesse com ele, ela iria sofrer junto e talvez até mais, ela foi forte e passou por cima dos seus sentimentos, e não perdoou a traição. Podemos perceber, que diferentemente do esperado a mulher, ou seja, que esta seja sentimental, que perdoe por amor, Moura se põe forte e não permite que o seu lado sentimental supere o racional. Mesmo a sofrer não permite que as fronteiras entre seu ego e o mundo exterior, sejam apagados.

Não. Essa não. Não me passa na garganta, não engulo. Me sufoca, me mata. Meto a mão no peito, arranco o coração e pronto. Nem que morra depois. Porque, se eu perdoar e aceitar ele de volta, estou perdida de vez. [...] e se eu não aguentar, paciência; se o sangue pisado aqui dentro me matar envenenada – pois bem, eu morro! Vou morrer um dia afinal. Todo mundo morre. Mas quero morrer na minha grandeza (id. 2009: 429).

Uma mulher forte e valente que ainda jovem, assumiu a liderança de um grupo composto por homens, impôs respeito e conquistou seus objetivos, e mesmo quando se viu apaixonada foi racional o suficiente, mesmo sofrendo não deixou que o sentimento falasse mais alto.

## 5. Considerações Finais

Considera-se o estudo acerca da obra de Rachel de Queiroz importante para a compreensão do Brasil, especificamente do nordeste brasileiro. Percebemos durante a pesquisa que a obra dialoga com a sociologia, a psicologia, a crítica genética, a literatura comparada e principalmente, a memória, que foi relevante no sentido de entender a vida dos personagens e a forma de conduzir cada registro destes. Desta forma, o trabalho motiva o prosseguimento, no sentido de desejar estudar com maior profundidade não só a obra de Queiroz, principalmente o modernismo e o regionalismo. O trabalho não pretendia esgotar ou transpor totalmente a obra Memorial de Maria Moura, até porque o tempo não permitiria, além dos recursos escassos para o momento e a oportunidade. Concluímos que o estudo acerca do Memorial de Maria Moura contribuiu para a pesquisa referente à literatura brasileira, bem como para o incentivo à pesquisa durante o período de graduação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria Luiza M; PONTARA, Marcela N. *Literatura brasileira: tempos, leitores e leituras, Volume único*. — São Paulo: Moderna, 2005.

BARBOSA, Adriana Maria de Abreu. *Ficções do Feminismo*. – Vitória da Conquista: Edições UESB, 2011.

\_\_\_\_\_. *Prática de leitura e escrita em Língua Portuguesa*. — Jundiaí, Paco Editorial: 2011.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. — 36ª. Ed. — São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

GAY, Peter. *Modernismo: o fascínio da heresia: de Baudelaire a Beckett e mais um pouco*. Tradução Denise Bottmann. — São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. — 27. Ed. — Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

LOBATO, Monteiro. *Memórias da Emília*. ed.42. Editora Brasiliense: 1994.

MATOS, Raimundo Lopes. *Modernidade, pós-modernidade e poética de Vicente Huidobro – Poema Matin*. – São Paulo: s.n., 1997. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Área de concentração: Comunicação e Semiótica. Orientador: Amálio Pinheiro.

MACHADO, Anna Rachel. et al. *Planejar gêneros acadêmicos*. — São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MARTINS, Peterson. *O hiper-regionalismo na universalização do sertão: Uma nova divisão para a Literatura Regionalista*. In.: Revista Literatura conhecimento Prático. São Paulo: Escala Educacional. Edição nº 32, ISSN 1984-3674.

SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética: uma introdução, fundamentos dos estudos genéticos sobre os manuscritos literários*. — São Paulo: EDUC, 1992.

QUEIROZ, Rachel de. *Memorial de Maria Moura*. -21º Ed.- Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

\_\_\_\_\_. *Cem crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989. (obra reunida; v.4).

#### REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS:

ALVES, Roberta Hernandez. *As metáforas do seco — Regionalismo e gênero na obra de Rachel de Queiroz*. Disponível em:

<http://www.apropucsp.org.br/apropuc/index.php/revista-cultura-critica/41-edicao-no08/552-as-metforas-do-seco--regionalismo-e-genero-na-obra-de-rachel-de-queiroz>.  
Acessado em: 25/02/2012.

ARRUDA, Maria Arminda do nascimento. *Modernismo e Regionalismo no Brasil*. Entre inovação e tradição. Disponível em:

<http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v232/v232a07.pdf>.  
Acessado: 09/01/2012.

CONTIER, Arnaldo Daraya.; MARTINI, Carina Macedo.; Horn, Karem Alonso.; Damião, Regina Toledo.; PACE, Savana.; CORRADINI, Suely Nercessiam. Universidade Presbiteriana Mackenzie. *Revista Klaxon: reflexões sobre o modernismo no Brasil*.

Disponível em:

[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos\\_Graduacao/Mestrado/Educacao\\_Arte\\_e\\_Historia\\_da\\_Cultura/Publicacoes/Volume5/Revista\\_Klaxon\\_reflexoes\\_sobre\\_o\\_modernismo\\_no\\_Brasil.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Mestrado/Educacao_Arte_e_Historia_da_Cultura/Publicacoes/Volume5/Revista_Klaxon_reflexoes_sobre_o_modernismo_no_Brasil.pdf).  
Acessado em: 24/03/2012.

FREITAS, Zilda de Oliveira. *A Literatura de Autoria Feminina*. In: *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Organizado por Sílvia Lúcia Ferreira e Enilda Rosendo do Nascimento. — Salvador: NEIM/UFBA, 2002. 268p. — (Coleções Baianas; 7). Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/imagens.pdf> Acessado em: 08/03/2012.

GUERELLUS, Natália de Santanna. *Vae Solis. Gênero Cultura e Sociedade nos romances de Rachel de Queiroz*. Curitiba, Junho 2008. UFPR. Disponível em: <http://www.generos.ufpr.br/files/9485-monografia-natalia.pdf>. Acessado em: 09/01/2012.

[http://www.outrostempos.uema.br/revista\\_vol7\\_9\\_pdf/tania\\_regina.pdf](http://www.outrostempos.uema.br/revista_vol7_9_pdf/tania_regina.pdf) Acessado em: 09/01/2012

<http://www.webartigos.com/artigos/a-educacao-da-mulher-no-seculo-xix/52658/> Acessado em: 08/03/2012